

# Parque Nacional Marinho de João Vieira e Poilão

## Biodiversidade e Conservação

Citação recomendada:

Catry P, Regalla A (Eds). 2018. Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão: Biodiversidade e Conservação. IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau.

## Répteis Terrestres

Rui Rebelo

cE3c – Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais, Departamento de Biologia Animal, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Citação:

Rebelo R (2018). Répteis Terrestres. In: Catry P, Regalla A (eds). Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão: Biodiversidade e Conservação. IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau.

# Parque Nacional Marinho de João Vieira e Poilão

**Biodiversidade  
e Conservação**

**Editores**

Paulo Catry e Aissa Regalla





# Répteis Terrestres

Rui Rebelo

## Introdução

Os répteis são componentes importantes das faunas insulares nas zonas temperadas e tropicais. Em muitos arquipélagos, foram os vertebrados mais numerosos até à colonização humana e ainda são os principais herbívoros ou os predadores de topo em muitas ilhas. Esta importância resulta em parte da capacidade que os répteis têm de suportar jejuns de até vários meses. Podem assim suspender a actividade durante épocas de escassez, voltando a alimentar-se quando voltam as chuvas ou outros tipos de enriquecimento do ambiente (como por exemplo a chegada de aves para a sua reprodução). Esta resistência permite-lhes sobreviver a condições letais para muitos mamíferos e evitar a extinção das suas populações insulares. A possibilidade de longos jejuns, associada à capacidade de armazenar reservas de gordura na cauda, permitem-lhes também sobreviver a travessias no mar, que acontecem frequentemente nos trópicos em “jangadas” de vegetação arrastada pelos rios. Finalmente, há muitas espécies de répteis que vivem em habitats aquáticos e nadam eficazmente, podendo atravessar braços de mar (especialmente quando os indivíduos são de grande tamanho). As comunidades insulares de répteis são assim frequentemente constituídas por espécies pequenas que armazenam reservas na cauda (o exemplo mais comum é o das osgas) e por espécies muito grandes que chegaram às ilhas a nado (como varanos, crocodilos ou certas cobras).

As comunidades de répteis de África são caracterizadas por um elevado número de espécies de alguns grupos, em particular escincos (Família Scincidae) e cobras (várias famílias). Com apenas 6 espécies de escincos registadas, a Guiné-Bissau é uma excepção em relação a esta família. Por outro lado, é um dos países com maior número de espécies de cobras (40), especialmente tendo em conta a área do país e a quase ausência de relevo.

A comunidade de répteis dos Bijagós foi, tal como a dos anfíbios, listada e actualizada por Auliya *et al.* (2012). Estão assim indicadas 26 espécies de répteis terrestres para o arquipélago e os mesmos autores contabilizaram 68 espécies para toda a Guiné-Bissau. Tal como para os anfíbios, no país encontram-se as comunidades associadas a dois principais tipos de habitat: savanas e florestas. No caso dos répteis, há ainda uma componente importante de espécies aquáticas que conseguem viver em vários habitats, desde que na proximidade de zonas húmidas.

## Métodos

Foram coligidas todas as observações recolhidas desde 2008 pelas várias equipas que visitaram o parque no âmbito de outros projectos, o que leva a uma maior representação de João Vieira e Poilão em comparação com as outras ilhas. Foram também coligidos relatos de Bijagós e de outros visitantes. Em 2015 decorreu uma visita de 2 semanas, de 24 de Outubro a 5 de Novembro, direccionada especificamente à amostragem da herpetofauna terrestre e que envolveu visitas às 4 ilhas. Em todas as visitas os répteis foram prospectados em passeios (diurnos e nocturnos) ao longo de trilhos (McDiarmid *et al.* 2012). Tentou-se cobrir a máxima diversidade de habitats em cada ilha. Muitos exemplares foram capturados à mão, fotografados e medidos; um ou dois exemplares das espécies mais pequenas foram conservados em álcool a 90% para posterior identificação. Foram também prospectados indícios de presença, como rastos e mudas de pele.

Para a identificação das espécies recorreu-se principalmente aos trabalhos de Chippaux (2001), Trape e Mané (2006) e Trape *et al.* (2012). A ocorrência das várias espécies nas outras ilhas do arquipélago foi obtida de Auliya *et al.* (2012) e a distribuição no continente africano a partir do *site* da IUCN (2016). A lista de espécies é apresentada de acordo com a filogenia mais corrente para as famílias de répteis.

## Lista sistemática comentada de espécies

### Família Pelomedusidae

#### *Pelusios castaneus*

**Nome comum:** P: Cágado-preto; C: tartaruga-de-água-doce

#### Estatuto e distribuição no PNMJVP

A carapaça ainda fresca de uma fêmea adulta foi vista em Setembro de 2012 no acampamento Bijagó em Meio, e os Bijagós confirmaram que foi capturada na ilha. Já foi reportado para João Vieira (Limoges e Robillard 1991), assim como para outras ilhas do arquipélago (Bubaque, Orango, Enu) por Auliya *et al.* (2012). No PNMJVP parece ser bastante raro, pois nem as carapaças são encontradas, o que acontece com frequência nas outras ilhas. No arquipélago é encontrado em lagoas, tanto em savana como em floresta, onde pode ser frequente. Tem uma distribuição alargada na África Ocidental.

#### Ecologia

Os adultos medem 20-30 cm e têm hábitos aquáticos, vivendo em lagos, lagoas e rios com pouca corrente. É diurno, apanhando sol junto às margens. É omnívoro, alimentando-se de vegetação, caracóis, insectos ou mesmo peixes e anfíbios. As posturas, com até 25 ovos, são enterradas nas margens. No arquipélago, as tartaruginhas eclodem em Junho/Julho (Auliya *et al.* 2012).

#### Outras Notas

O estatuto desta espécie está em discussão e as populações da África Ocidental podem vir a ser descritas como uma nova espécie. É comestível e por isso caçada, mas o seu consumo não parece ser generalizado.

### Família Gekkonidae

#### *Hemidactylus angulatus*

**Nome comum:** P: Osga; C: Oziga

**Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Foi registada em todas as ilhas excepto em Cavalos. Comum nas habitações e acampamentos, mas foi também vista em árvores. Nos Bijagós, é reportada para Bubaque, Orango e Soga (Auliya *et al.* 2012). Tem uma distribuição muito alargada em África até ao equador, desde o Senegal à Tanzânia.

**Ecologia**

Com até 15 cm, é uma osga relativamente grande. É exclusivamente nocturna e insectívora. As lutas entre machos são frequentes. As fêmeas, como praticamente todas as osgas do mundo, só põem dois ovos de cada vez, bastante grandes em relação ao tamanho do indivíduo. Várias fêmeas podem pôr os ovos na mesma fenda ou ninho. Comparativamente aos outros sáurios, as osgas nascem relativamente grandes e vivem mais tempo.

**Outras Notas**

A facilidade de coabitação com o Homem poderá ter sido a razão da introdução desta espécie nas Caraíbas a partir da África Ocidental. A sua presença nas casas contribui para diminuir o número de mosquitos e baratas. As osgas são completamente inofensivas, não se justificando muitas crenças populares que lhes dão má reputação.

***Lygodactylus gutturalis***

**Nome comum: P: Osga diurna; C: Oziga**

**Estatuto e distribuição no PNMJVP**

É comum em João Vieira, Meio e Poilão, mas não foi vista em Cavalos. Aparece com mais frequência que a outra espécie de osga em árvores longe das habitações ou acampamentos. Já foi reportada para Bubaque, Soga, Orango e Imbone (Auliya *et al.* 2012). Tem uma distribuição alargada em África, desde o Senegal até ao Quénia.

**Ecologia**

Mais grácil e pequena que a espécie anterior, tem até 8 cm de comprimento. Ao contrário de *H. angulatus*, estas osgas estão activas de dia,

aumentando a actividade ao longo da tarde até ao pôr-do-sol. São principalmente arborícolas, mas também podem ser encontradas em telhados de casas ou no solo. Tal como a espécie anterior, são exclusivamente insectívoras e as fêmeas só põem 1 ou dois ovos (mas há ninhos comunais).

### **Outras Notas**

As osgas constituem um grupo particular de répteis que evoluiu para explorar a noite, uma altura em que a maioria dos répteis está inactiva. Grande parte das osgas tem assim uma coloração castanho-acinzentada, porque a visão de cores é impossível de noite. As osgas do Género *Lygodactylus* reinvidiram o dia e algumas destas já são coloridas, tal como outros répteis diurnos. A garganta de *L. gutturalis* é colorida (azul e amarela), e os animais mostram-na para anunciar a sua presença a outras osgas da mesma espécie.

### **Família Scincidae**

#### ***Trachylepis affinis***

**Nome comum: P: escinco-do-Senegal; C: Salmelmel**

### **Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Encontrado em todas as ilhas e em todos os tipos de habitat, desde a zona entremarés e mangal até às savanas e floresta. Trepam às árvores, entram nas habitações e acampamentos e podem alimentar-se nas lixeiras. Foram encontrados juvenis recém-nascidos em Outubro e Novembro. É o réptil pequeno mais abundante em todas as ilhas do Parque. É referido para Bubaque e Orango (Auliya *et al.* 2012). Presente na África Ocidental, quer em zonas de floresta quer em savana, desde o Senegal até Angola.

### **Ecologia**

O corpo dos maiores machos mede cerca de 7 cm; incluindo a cauda podem chegar aos 20 cm. Apesar de principalmente insectívoros, estes pequenos répteis também se alimentam de restos, tanto vegetais como animais. Estão muito activos durante o dia e à noite dormem na extremidade de folhas de árvores, onde estarão mais protegidos de predadores.

**Figura 1a.**

- A. *Pelusios castaneus*,  
Meio;  
B. *Hemidactylus*  
*angulatus*, Poilão;  
C. *Lygodactylus*  
*gutturalis*, Poilão;  
D. *Trachylepis affinis*,  
Poilão;  
E. *Varanus niloticus*,  
juvenil, Poilão;  
F. *Varanus niloticus*,  
adulto, Cavalos.

**Créditos:**

(A, C, D, F)  
Rui Rebelo;  
(B, E) Gonçalo  
Miranda Rosa



**Outras Notas**

Muitas espécies desta família são vivíparas, enquanto outras põem ovos. Não há informação sobre a reprodução de *T. affinis*, mas supõe-se que seja ovíparo. Os flancos das fêmeas têm uma lista escura e larga, ausente nos machos. Estes podem ter um pontilhado ferrugíneo no pescoço e nos flancos. Dada a sua abundância, deverá ser um dos vertebrados mais importantes nas cadeias tróficas das florestas do Parque.

**Família Varanidae**

***Varanus niloticus***

**Nome comum: P: varano-do-Nilo; C: linguana**

**Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Comum nas 4 ilhas. Utiliza todos os tipos de habitat, desde a zona entremarés até à copa das árvores. Frequenta também as lixeiras

e os acampamentos. As contagens de rastros ao longo das praias sugerem que é mais abundante em Cavalos e em Poilão, e alguns dos exemplares destas ilhas são bastante grandes. Em todas as ilhas são vistos frequentemente a escavar os ninhos recentes de tartarugas marinhas. Limoges e Robillard (1991) indicam que a espécie ocupa todo o arquipélago. Ocorre em praticamente todo o continente africano, evitando os locais mais secos e as florestas tropicais húmidas. Tem uma forte associação a habitats aquáticos, mesmo os costeiros.

### **Ecologia**

Esta espécie é o principal predador terrestre do Parque e pode atingir até 2,5 metros (incluindo a cauda). Nada, corre e trepa bem. É diurno e alimenta-se de todo o tipo de animais, principalmente crustáceos e moluscos, mas também vertebrados capturados oportunisticamente, cadáveres e restos. Os juvenis são principalmente insectívoros e são mais arborícolas, em parte como protecção contra os adultos. As posturas podem ter várias dezenas de ovos. As fêmeas não protegem o ninho ou as crias.

### **Outras Notas**

Já foram vistos exemplares a nadar nos braços de mar entre as ilhas do Parque. Nas ilhas habitadas, são caçados para consumo, mas também porque caçam as aves de capoeira. A mordedura pode causar ferimentos graves, assim como as garras, mas não é venenoso.

### **Família Typhlopidae**

#### ***Typhlops lineolatus***

**Nome comum: Cobra-cega-listada**

### **Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Foi apanhado um exemplar em João Vieira perto da sede do Parque, após chuvas fortes. Este registo é o primeiro para a Guiné-Bissau. O exemplar é um adulto e mede 41 cm (34 cm até à cloaca, com uma pequena cauda de 7 cm). Distribui-se pelas savanas africanas, desde o Senegal até à Zâmbia.

### **Ecologia**

Esta espécie pertence a um grupo muito difícil de estudar, porque tem actividade quase exclusivamente subterrânea. Esporadicamente emerge à superfície, especialmente após chuvas torrenciais que inundem os solos soltos onde se enterra. É ovípara e alimenta-se de térmitas e outros insectos subterrâneos.

### **Outras Notas**

Foi recentemente proposto o novo nome *Afrotyphlops lineolatus*. É completamente inofensiva. Não tenta morder e não é venenosa.

### **Família Boidae**

#### ***Python sebae***

**Nome comum: P: Pitão-africana; C: Irã-cego**

### **Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Com alguma regularidade são vistos (e geralmente mortos) exemplares desta pitão nas várias ilhas do Parque. Uma pitão bastante grande foi morta em Poilão em 2007 e dois exemplares um pouco mais pequenos foram capturados em João Vieira, um em Março de 2014 e o outro em Agosto de 2016. Limoges e Robillard (1991) indicam que esta pitão existirá em todas as ilhas maiores e em grande parte das pequenas nos Bijagós. Vive geralmente perto da água, doce ou salobra. Está presente em praticamente todas as regiões de floresta e de savana da África subsariana, excepto nos países mais a sul.

### **Ecologia**

É o maior predador terrestre do Parque, atingindo normalmente 4 metros. Há registos frequentes no continente de exemplares com mais de 6 metros (até 9,8 m). É muito boa nadadora, mas também trepa às árvores. É carnívora, alimentando-se principalmente de vertebrados (incluindo peixes). Mata por constrição animais tão grandes como linguanas. As posturas são muito grandes (até 100 ovos), e há cuidados parentais – a fêmea enrola-se em torno dos ovos, protegendo-os até à eclosão.

**Outras Notas**

Já foi vista várias vezes em alto mar e ser-lhe-á fácil atravessar os braços de mar entre as ilhas do Parque. Não é venenosa, mas a mordedura de um exemplar grande pode fazer uma ferida profunda e difícil de cicatrizar. Há histórias comprovadas de ataques a gado, aves domésticas e até humanos, mas os relatos de ataques a humanos reportam-se exclusivamente ao continente.

**Família Colubridae*****Crotaphopeltis hotamboeia***

**Nome comum: P: cobra-arauto**

**Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Em Outubro de 2015, foram vistos dois exemplares, ambos em prospecções nocturnas: o primeiro em Meio, perto de um poço e o segundo numa lala em João Vieira. O exemplar de João Vieira media 18 cm; o de Meio era semelhante (não foi medido). É a primeira vez que esta espécie é registada nos Bijagós. É comum na África subsariana até Moçambique.

**Ecologia**

É uma cobra pequena; os adultos medem normalmente entre 35 e 60 cm. Tem actividade estritamente nocturna e alimenta-se principalmente de anfíbios. Vive associada a habitats húmidos, quer em floresta, quer em savana, e é encontrada frequentemente em zonas rurais e perto de casas. É ovípara.

**Outras Notas**

Por ser nocturna, pequena, e cinzenta, esta cobra passa facilmente despercebida. A sua mordedura não é dolorosa nem venenosa para os seres humanos. No entanto tem um veneno fraco, eficaz em anfíbios. Os dentes que injectam esse veneno são os mais posteriores (é opistoglifa). Quando ameaçada modifica a forma da cabeça, que fica triangular, semelhante à cabeça de uma víbora. Pode levantar a cabeça, silvar e fingir atacar.

***Hapsidophrys smaragdina***

**Nome comum: P: cobra-esmeralda**

**Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Há registos fotográficos de 2 exemplares em João Vieira, na floresta, em Abril de 2014 e Março de 2015. Estes são os primeiros registos para o arquipélago. É frequente em florestas ao longo de uma faixa que vai da Gâmbia até ao Uganda, e para sul até Angola, mas este é apenas o segundo registo desta espécie para o país (e o primeiro foi o de Bocage (1896), para Bolama).

**Ecologia**

É diurna e arborícola, caçando pequenas lagartixas, osgas e rãs, mas desce com frequência ao chão. Pode atingir até 1 metro de comprimento e é muito delgada, confundindo-se facilmente com a ramagem. É encontrada frequentemente em zonas rurais e perto de casas. É ovípara.

**Outras Notas**

Na Guiné-Bissau existem pelo menos 7 espécies de cobras-arborícolas verdes. Três delas são venenosas, entre as quais uma é muito perigosa – a mamba-verde (a temida “kakuba”, no seu nome crioulo). É por isso comum que qualquer cobra verde seja tratada com respeito, o que é a atitude mais correcta. No entanto, as 4 espécies mais comuns (tal como *H. smaragdina*) não são venenosas e não constituem nenhum risco para os seres humanos.

***Psammophis phillipsi***

**Nome comum: P: cobra-rasteira-olivácea C: cobra-amonton**

**Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Há registos frequentes desta espécie em João Vieira, quer de juvenis, quer de adultos e em todos os tipos de habitat. É frequentemente vista em clareiras adjacentes às praias. Em Setembro de 2011 e Agosto de 2016 foram encontrados exemplares aparentemente exaustos nas praias após grandes chuvadas. Em Outubro de 2015 foi capturada uma fêmea com 95 cm de comprimento em Meio e os Bijagós indicam-na como abundante na ilha. Na mesma altura

foi encontrada uma muda de pele em Cavalos, no que é o primeiro registo para esta ilha. Comum e aparentemente a cobra mais abundante no PNMJVP. Auliya *et al.* (2012) indicam-na como presente em Uno, Soga e Bubaque. Ocorre nas zonas florestadas da Gâmbia e de vários países da África Ocidental até à República Centro-Africana mas, tanto quanto sabemos, não há nenhum registo para a Guiné-Bissau continental.

### **Ecologia**

Pode atingir até 1,8 m. Presente em habitats com árvores, mesmo em savanas, incluindo zonas rurais e próximas a povoações. É diurna e caça no solo répteis e mamíferos, mas também sobe às árvores, caçando aves. O estômago do exemplar capturado em Meio continha as penas de um tecelão, *Ploceus* sp.. Também frequenta habitats aquáticos e nada bem. É ovípara. Dentro das espécies do Género *Psammophis* é a mais florestal.

### **Outras Notas**

Tal como *C. hotamboeia*, esta cobra é opistoglifa, produzindo um veneno fraco e que não afecta o ser humano. É relativamente confiante e fácil de capturar. O seu nome crioulo – amonton (preguiçosa) foi atribuído com base nesta característica.

### **Família Elapidae**

#### ***Naja melanoleuca***

**Nome comum: naja-das-florestas ou naja-branca-e-preta**

### **Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Em João Vieira há registo confirmado de 2 exemplares adultos (para além de várias outras observações à distância): em Fevereiro de 2015 na zona de transição entre a floresta e a lala grande, e em Novembro de 2015 na sede do Parque. Em Meio foi também visto um indivíduo em Março 2015, na orla do mpampam. Existe também em Bubaque e em Orango (Auliya *et al.* 2012). É comum nas florestas da África subsaariana.

### **Ecologia**

Atinge normalmente até 2 metros e pode chegar aos 2,7 m. Vive em florestas e geralmente perto da água. É principalmente diurna e muito activa, alimentando-se de mamíferos e pequenos vertebrados. Pode também trepar a árvores. Nada bem e em vários locais os peixes podem ser a sua principal presa. É ovípara e pode viver mais de 20 anos.

### **Outras Notas**

É uma das cobras venenosas mais perigosas de África. O veneno é uma neurotoxina potente e paralisa as vítimas, que deixam de conseguir respirar. Toleram a presença humana e é frequente em zonas rurais e mesmo cidades. Só ataca quando encurralada, pelo que há relativamente poucas fatalidades conhecidas. Como as outras cobras do mesmo Género, levanta a cabeça a uma altura considerável, abre um capelo e ameaça morder; no entanto não projecta o veneno à distância. As mordeduras desta espécie devem ser tratadas como uma urgência médica. Há um soro anti-veneno eficaz.

### **Família Viperidae**

#### ***Bitis arietans***

**Nome comum: P: víbora-aríete; C: tutu**

### **Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Em Setembro de 2011 foi filmado um adulto desta espécie numa clareira junto à praia sudeste de João Vieira. Em Março de 2015 foram fotografados mais dois exemplares nesta ilha, um na orla da lala grande e o outro próximo da costa Norte. Em Março de 2015 foi também fotografado um adulto grande em Meio, na orla do mpampam. A acumulação de observações sugere que será uma espécie relativamente frequente nestas duas ilhas. Auliya *et al.* (2012) reportam-na para Bubaque, Soga e Orango, e já a observámos em Formosa. É uma das cobras com maior distribuição na África subsariana, ausente apenas dos desertos e florestas tropicais húmidas.

### **Ecologia**

É uma das maiores víboras do mundo - os maiores exemplares

chegam a 1,9 metros. A cabeça é larga, com forma triangular, e o tronco muito grosso, com um padrão muito mimético na folhada do solo da floresta. É terrestre e principalmente nocturna, movimentando-se lentamente. Caça pequenos mamíferos, répteis, anfíbios e aves. É vivípara, dando à luz 20 a 40 cobrinhas que já medem 15 a 20 cm ao nascimento. É mais frequente em savanas e habitats abertos.

#### **Outras Notas**

É uma cobra perigosa; a mordedura pode ser fatal. Nos viperídeos, os dentes que injectam o veneno estão localizados anteriormente, são muito grandes e dobram-se para trás quando a serpente fecha a boca (são cobras solenoglifas). Esta espécie é uma das cobras responsáveis por mais mordeduras em África. Como é uma cobra lenta e nocturna, é fácil que seja pisada acidentalmente. No entanto, estima-se que só 5% dos casos são fatais. O veneno causa edemas e ruptura de tecidos, mas não é neurotóxico, não paralisando as vítimas. Há soro anti-veneno para esta espécie, mas mesmo na sua ausência o tratamento correcto pode salvar.

#### **Família Crocodylidae**

##### ***Crocodylus suchus***

**Nome comum: P: crocodilo da África Ocidental; C: Lagarto**

#### **Estatuto e distribuição no PNMJVP**

Há relatos anteriores a 2010 de um exemplar grande na foz de uma ribeira na praia de João Vieira. Na sede do Parque há um crânio desta espécie, alegadamente encontrado nesta ilha. Nos Bijagós, a espécie mantém uma população importante em Orango e Imbone e talvez ainda se mantenham as populações de Formosa e Uno (Auliya *et al.* 2012).

#### **Ecologia**

Os crocodilos são principalmente piscívoros. No entanto, os que vivem em águas interiores podem caçar animais que venham beber. Estão activos de dia e de noite e podem ser vistos a apanhar sol nas margens. Os machos são territoriais. Os ninhos são feitos

**Figura 1b.**

G. *Thyphlops lineolatus*,  
João Vieira;  
H. *Python sebae*,  
João Vieira;  
I. *Crotaphopeltis*  
*hotamboeia*,  
João Vieira;  
J. *Hapsidophrys*  
*smaragdina*,  
João Vieira;  
K. *Psammophis*  
*phillipsi*, juvenil,  
João Vieira;  
L. *Psammophis*  
*phillipsi*, adulto, Meio;  
M. *Naja melanoleuca*,  
João Vieira;  
N. *Bitis arietans*,  
João Vieira.

Créditos:

(G, I, K, L)  
Rui Rebelo;  
(H, J) Mohamed  
Henriques;  
(M, N) Camilo  
Carneiro



em montes de vegetação em decomposição. As fêmeas protegem os ovos, durante a incubação, e as crias ao longo dos primeiros meses de vida. São muito longevos e têm vidas sociais complexas, por exemplo escavando tocas comunais onde podem passar vários meses, quando as condições exteriores são desfavoráveis.

**Outras Notas**

O reconhecimento do crocodilo da África Ocidental como uma espécie diferente do crocodilo do Nilo é recente (Schmitz *et al.* 2003). Algumas das populações de *C. suchus* parecem ser constituídas por

indivíduos mais pequenos e relativamente inofensivos para os seres humanos. Nos Bijagós os crocodilos já foram bastante maiores. Não há registos recentes de ataques a humanos no arquipélago, ao contrário do continente, onde se deram vários casos mortais recentes, na zona do rio Cacheu.

## Discussão

Foram registadas 13 espécies de répteis terrestres (incluindo espécies de água-doce) no PNMJVP: 12 em João Vieira, 9 em Meio, 5 em Poilão e 3 em Cavalos. Com a possível excepção de Poilão, esta lista ainda poderá vir a ser muito aumentada. Cavalos é uma ilha muito difícil de amostrar; várias espécies de cobras só foram registadas nas outras ilhas recentemente, e muitas vezes com carácter fortuito. A independência da água para a reprodução, os hábitos fossoriais e a capacidade de se manterem inactivas durante grande parte do dia ou em certas estações do ano, torna muitas espécies de répteis muito difíceis de detectar. Não é assim estranho que tanto as prospecções de Auliya *et al.* (2012) como as levadas a cabo neste trabalho tenham resultado em registos de novas espécies para a Guiné-Bissau.

Considerando os registos prévios e as três novas espécies encontradas neste trabalho para os Bijagós, o número de espécies de répteis terrestres do PNMJVP corresponde a 45% (13 em 29) das indicadas para todo o arquipélago (ressalvando que a maioria dos registos anteriores corresponde principalmente às ilhas de Bubaque e Orango).

As comunidades de répteis do PNMJVP são bastante diferentes das de Bubaque/Orango. De um modo geral as espécies do Parque são: i) pequenas, com capacidade de armazenar reservas na cauda, tolerantes à presença humana (as duas osgas, salmelmel, *C. hotamboeia*); ou ii) grandes, semi-aquáticas e boas nadadoras (linguana, pitão, cágado, crocodilo). É de realçar a existência de apenas uma espécie de escinco, assim como a ausência de espécies de sáurios com tamanhos intermédios, como os agamídeos ou os camaleões. Este padrão é mais extremo em Poilão, a ilha mais isolada, e é uma indicação dos possíveis meios de colonização do arquipélago. É por exemplo possível que as osgas, o escinco e mesmo algumas das cobras tenham sido e continuem a ser

translocadas entre ilhas pelos Bijagós, conjuntamente com chabéu, peixe, ou outras cargas.

Todas as ilhas têm floresta e também em todas há áreas abertas, mas com representatividades diferentes. Apesar de terem sido registadas mais espécies tipicamente florestais (4) que de savana (2) no Parque, as restantes vivem nos dois habitats, e se há uma especificidade de habitat mais representada nesta comunidade é a preferência por zonas húmidas (7 espécies). João Vieira é a única ilha que mantém duas espécies características de savana (*T. lineolatus* e *B. arietans*).

Todas as espécies desta lista têm o estatuto de Pouco Preocupante (LC) na lista vermelha de vertebrados da IUCN (2016), mas há 4 que estão abrangidas por diferentes Anexos CITES: *Crocodylus suchus* (Anexo I), *Python sebae* e *Varanus niloticus* (Anexo II) e *Pelusios castaneus* (Anexo III). É duvidoso que exista alguma comercialização de partes destes animais a partir de capturas no Parque, mas todas estas espécies são caçadas pelos Bijagós. É também de realçar a presença de várias espécies de cobras, especialmente de duas das espécies mais venenosas da Guiné-Bissau, em ilhas com poucos mamíferos terrestres (as suas presas naturais). Finalmente, apesar da ocupação humana sazonal destas duas ilhas, não há conhecimento de mordeduras fatais (embora tais casos não sejam raros noutras ilhas dos Bijagós).

## Referências

Auliya M, Wagner P, Böhme W (2012) The herpetofauna of the Bijagós archipelago, Guinea-Bissau (West Africa) and a first country-wide checklist. Bonn zoological Bulletin 61: 255-281.

Bocage JVB du (1896) Reptis de Bolama, Guiné portugueza, colligidos pelo sr. Costa Martins, chefe interino de daude no archipelago de Cabo-Verde. Jornal de Ciencias, Mathematicas, Physicas, e Naturaes 176-178.

Chippaux JF (2001) Les serpents d'Afrique occidentale et centrale. Éditions de l'IRD, Paris.

IUCN (2016) The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2016-2.

Limoges B, Robillard MJ (1991) Proposition d'un plan d'aménagement de la Réserve de la Biosphere de l'archipel des Bijagós. Vol. 2. Les espèces animales: distributions et recommandations. CECI/UICN/MDRA, Bissau.

Mc Diarmid RW, Foster MS, Guyer C, Gibbons JW, Chernoff N (2012) Reptile Biodiversity: Standard methods for inventory and monitoring. University of California Press, Berkeley.

Trape JF, Mané Y (2006) Guide des serpents d'Afrique occidentale – savane et desert. IRD Éditions, Paris.

Trape JF, Trape S, Chirio L (2012) Lézards crocodiles et tortues d'Afrique occidentale et du Sahara. IRD Éditions, Marseille.

Schmitz A, Mausfeld P, Hekkala E, Shine T, Nickel H, Amato G, Böhme W (2003) Molecular evidence for species level divergence in African Nile Crocodiles *Crocodylus niloticus* (Laurenti, 1786). *Comptes Rendus Palevol* 2: 703-712.